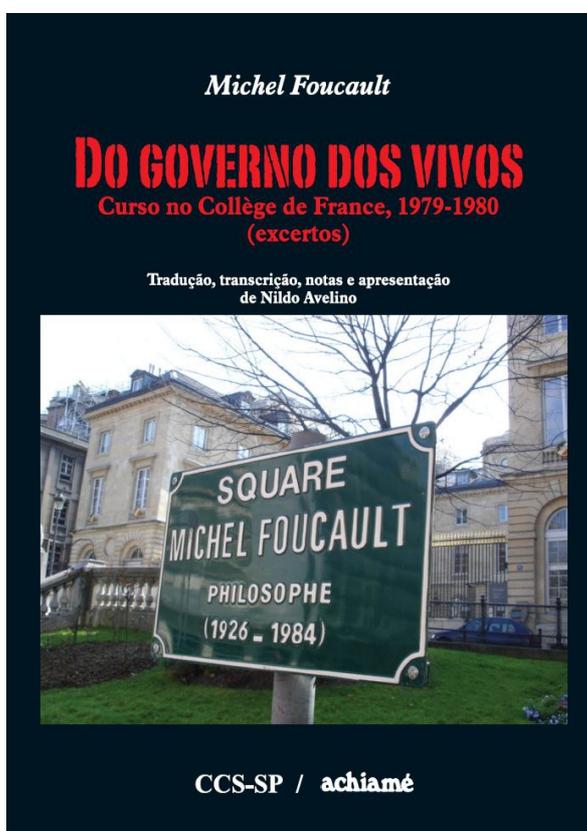


Resenha

Verdade e subjetividade: o poder, o governo e si mesmo

Ana Paula Bandeira

Universidade Federal de Santa Catarina - a_p_bandeira@yahoo.com.br
Jornalista e mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR/UFSC).



O tema central do livro *Do Governo dos Vivos*, que reúne excertos do Curso no Collège de France, entre 1979 e 1980, é o governo dos homens pela manifestação da verdade sob a forma de subjetividade. A partir desta temática maior, o curso versa sobre o tripé Poder, Governo e Si Mesmo. Para tal, Foucault revisita a história antiga, em cuja abordagem busca elementos no passado que nos ajudam a definir as formas do presente. Vai aos séculos II e III, de onde busca a história romana; resgata ainda os textos gregos arcaicos usados

entre os poetas do século VI para trazer à tona as formas de verificação, que se davam através de entidades exteriores ao EU do autor, ao EU que fala.

Com intuito de estudar o elemento da primeira pessoa – o EU alvo de estudo de Foucault naquele 1980 – o filósofo perpassa o dizer verdadeiro do século VI para levantar a problemática do momento em que a manifestação de verdade pôde ser feita por aquele que fala. Permeando os textos das aulas proferidas, alguns aspectos do cristianismo, como a teologia do batismo (séculos III e IV), as formações das entidades religiosas e a confissão. Em verdade, as “heranças” do cristianismo pautam os

raciocínios do filósofo até o último instante, quando ele suscita o questionamento sobre a necessidade ou não de uma hermenêutica vinda dos primeiros séculos do cristianismo. De tempos em tempos Foucault fala sobre o que já fez, o que está fazendo e o que pretende fazer (como uma organização e reorganização metódica de seus trabalhos). Ao longo das aulas, fica evidente o quanto o filósofo está preocupado com a problematização da obediência, com a conformação das condutas em nossa sociedade ocidental. São os processos de subjetivação, em suas diferentes vertentes, como o conhecimento de si, a prática de si e as mudanças de si.

Enquanto a versão “oficial” não vem, Nildo Avelino se encarregou de traduzir e transcrever os arquivos sonoros das aulas proferidas por Foucault. A primeira edição foi lançada em 2010. E em 2011 foi publicada a segunda edição, ampliada, com apresentação do professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Alfredo Veiga-Neto. Aqui, o filósofo perpassa o estudo das formas de governar a si mesmo, seguindo um percurso circular que se inicia com o estudo das formas de governar os outros. É um rico trabalho, um compêndio de palavras proferidas há três décadas, conduzidas pela história genealógica e pela problematização da obediência, pela conformação e pelo governo presentes na sociedade ocidental. As aulas, em verdade, proferem precisamente a história genealógica da racionalidade direcionada para a produção de obediência, caminhando para a afirmativa de que esse comportamento se dá por tecnologias de si. O autor argumenta que o exercício do poder se dá através de uma manifestação de verdade. Seria alinhar o exercício do poder ao conhecimento de quem é governado. Ou seja, governar é conhecer a quem se governa, mas é mais do que isso. É estabelecer uma verdade, mas não simplesmente uma verdade que se opõe ao falso, e sim um verdadeiro que surge, que se solidifica em meio ao desconhecido. “O exercício do poder se acompanha bem constantemente de uma manifestação de verdade entendida no sentido amplo” (FOUCAULT, 2011: 45). O sentido amplo ao qual se refere o filósofo são os procedimentos verbais e não verbais, usando a consciência individual do soberano e o saber de seus conselheiros.

Na relação saber-poder, Foucault não coloca o saber numa posição de dicotomia entre opostos. A proposição é que, com o saber, relacionem-se práticas nas quais os efeitos dos opostos se assumem. O poder, por sua vez, é imputado como processo de realização das relações, não como forma de representação de um grupo por um indivíduo.

A relação entre a manifestação da verdade e o exercício do poder, assim como a necessidade de uma manifestação da verdade que toma a forma de subjetividade para o exercício do poder, e, por fim, o que a manifestação da verdade permite conhecer – esses são os temas que norteiam as aulas de *Do Governo dos Vivos*. Foucault faz uma provocação ao buscar na anarquia um jogo de palavras para denominar o que ele propõe como “posição teórico-prática sobre a não necessidade do poder como princípio de inteligibilidade de um saber ele mesmo” (FOUCAULT, 2011: 72). É o que ele chama de anarqueologia, uma proposição na qual o não poder ou a não aceitabilidade do poder vem como forma de questionamento dos modos sob os quais se aceita o poder, e também que, qualquer que seja o poder, ele não é de todo aceitável e inevitável.

E é cortante ao levantar a necessidade de se refletir sobre a direção de alguém por um outro alguém. Quando não há uma obrigação política ou legal em jogo, quando se submete a própria vontade, numa esfera privada, à vontade de um outro. Ao que Foucault denomina direção dos indivíduos. O filósofo usa uma frase simbólica para ilustrar: “Eu quero que outro me diga aquilo que eu devo querer” (FOUCAULT, 2011: 98). Em essência, quer dizer que esta submissão é deliberada, é livre. Seriam, grosso modo, os condicionamentos que imputamos a nós mesmos, sem que uma ordenação externa nos obrigue. É uma relação de si consigo mesmo.

Uma relação na qual se obedece a tudo e nada se esconde, tratada pelo autor como subjetividade ocidental. E, importante dizer, nesta relação de poder, quem dirige, quem guia, não precisa, necessariamente, ser detentor de um conhecimento teórico. O também filósofo Gilles Deleuze (2005) fala em não imposição de uma conduta, e sim em gerir a vida. Firma-se, isto sim, um tripé – observa a ti, obedece ao outro e confessa sobre ti ao outro. Assim, provocando nossa obediência voluntária, Foucault encerra o curso, que vai culminar em *Sobre a hermenêutica de si*, onde trata, sobretudo, da genealogia do sujeito moderno. Genealogia como método para identificar as circunstâncias e relações de forças que fazem nascer o significado das coisas (SCHÖPKE, 2010).

Nessa tarefa de compreensão do sujeito por ele mesmo, fica o exercício do poder como uma relação de técnicas racionais, que integram a coerção e as técnicas de si. Mas, afinal, como se dá a análise interpretativa de si mesmo em nossa sociedade? Esta pergunta serve como norte para as exposições feitas no curso, que vai ao encontro do questionamento constante de Foucault: como nos tornamos o que somos? (2010). E pode ser analisado a partir de quatro aspectos: pensamento entendido como objeto

passível de análise; análise do pensamento a partir de sua essência; para não ser vítima dos próprios pensamentos, o homem precisa de constante interpretação (hermenêutica); o poder que se exerce sobre o pensamento é a presença do outro em mim.

Trazendo essa discussão para a atual cultura ocidental, Foucault argumenta que um dos grandes entraves tem sido fundar a hermenêutica de si não sobre o sacrifício do sujeito, e sim “sobre a emergência positiva, teórica e prática do sujeito” (FOUCAULT, 2011: 185). Mais de trinta anos após ter proferido essas palavras, a questão segue atual e talvez o problema continue sendo a compreensão de que o sujeito é o que ele construiu em sua história através das tecnologias de si. Um sujeito que, por alguma forma de poder, se torna sujeito a (DREYFUS; RABINOW, 1995).

Referências bibliográficas

- DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant’Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos. Tradução, transcrição e notas Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico**: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).